

ROMANCE

–NOVA EDIÇÃO INTEGRAL–

Este é o maior romance de todos os tempos – o romance ideal.

ALEXANDER PUSHKIN



VOLUME I

MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA

JAN POTOCKI

cavalo de ferro

COLECÇÃO GENTE INDEPENDENTE

2

Jan Potocki (1761-1815), aristocrata polaco, frequentador da alta sociedade cosmopolita europeia de finais do século XVIII, foi um político iluminado, ligado aos ambientes jacobinos, mais tarde conselheiro privado do Czar Alexandre I. Estudioso da antiguidade, viajante incansável, verdadeiro homem do iluminismo, autor de importantes obras de cariz etnográfico (é considerado o fundador da arqueologia eslava), bem como de vários livros de viagens, Potocki é, sobretudo, o autor do célebre «Manuscrito encontrado em Saragoça», obra escrita originalmente em francês e recentemente redescoberta, que o manteve ocupado durante os últimos doze anos da sua vida.

«Romance iniciático e erudito, o *Manuscrito* apresenta-se não apenas como a soma de todos os saberes e factos do mundo, mas também como o somatório de todos os mundos possíveis»

Quotidien des lettres

«Romance iniciático? Maçónico? Teosófico? Cabalístico? Pré-romântico?... E porque não? Encontramos de tudo nesta obra de imaginação única. “Em Saragoça, ou seja, em nenhuma parte”, poderia ter dito Alfred Jarry a propósito do insólito destino do *Manuscrito*: livro polaco que não foi escrito em polaco, que se passa em Espanha mas que não é um livro sobre Espanha, e que, no entanto, parece impregnado de toda a nostalgia que um aristocrata que viajou pelo mundo inteiro é capaz de sentir pela sua pátria...» *Le Monde des livres*

«Um insólito e gigantesco monumento. Um livro-universo, pelo número de personagens, pela complexidade das suas vidas e pelas ligações que descobrimos entre elas. E todas estas criaturas fictícias, mas por vezes também históricas, são inesquecíveis.» *La Quinzaine Littéraire*

«O encantador dédalo do Conde Potocki. Foi necessária toda a paciência e fascínio dos investigadores para extrair de arquivos secretos e bibliotecas longínquas os fragmentos do *Manuscrito*, que, se encontrado em Saragoça, andou um pouco perdido por todo o mundo (Cracóvia, Varsóvia, Leninegrado, Leipzig) e finalmente reencontrado, e restaurado em Paris.»

L'Express

JAN POTOCKI
MANUSCRITO
ENCONTRADO EM SARAGOÇA
VOL. 1

Tradução Tradução
J. Espadeiro Martins



cavalo de ferro

Título original: «Manuscrit trouvé à Saragosse»

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em língua portuguesa

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1.ª Edição, Fevereiro de 2010

ISBN: 978-989-623-124-8

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

NOTA DO EDITOR

Até aos últimos anos do século XX apenas se conheciam desta obra duas partes que compreendiam as jornadas 1 a 33, publicadas em vida do autor.

O público internacional só teve acesso à obra de Potocki em 1958, quando Roger Caillois publicou uma parte dessa obra em França (sensivelmente um quarto do romance). Foi com base nessa edição que foram feitas as traduções portuguesas disponíveis até hoje (Estampa, 1971 e Tertúlia do Livro, 1971).

Em 1992 uma equipa de historiadores e investigadores recolheu, na Polónia, materiais que permitiram ter acesso à obra integral. Basearam-se nas obras impressas, em manuscritos autógrafos preparados para edição pouco antes da morte do autor, em manuscritos fragmentários e numa edição polaca de 1847 feita por um amigo de Potocki, Edmond Chojecki, que reunia alguns documentos que faziam parte do espólio da família Potocki.

É esta edição que agora se apresenta ao público português.

ADVERTÊNCIA

Oficial do exército francês, vim a encontrar-me no cerco de Saragoça¹. Alguns dias antes da tomada da cidade, tendo-me adiantado para um local um pouco afastado, deparei com uma casinha bastante bem construída, que a princípio julguei nunca ter sido visitada por nenhum francês.

Espicaçado pela curiosidade, decidi entrar. Bati à porta, mas logo reparei que não estava trancada. Empurrei e entrei. Chamei, procurei, mas não encontrei ninguém. Pareceu-me que já haviam tirado tudo o que tinha algum valor; em cima das mesas e dos móveis, havia apenas objectos de pouca importância. A um canto, espalhados pelo chão, vi alguns cadernos escritos; passei os olhos sobre o seu conteúdo. Era um manuscrito escrito em espanhol. Conhecia mal esta língua, mas conhecia o suficiente para perceber que este livro talvez fosse divertido: falava-se de bandoleiros, de uma alma do outro mundo, de cabalistas, e nada poderia ser mais apropriado para me distrair do cansaço de uma campanha militar do que a leitura de um romance bizarro. Convencido de que este livro nunca mais voltaria às mãos do seu proprietário, não hesitei em apoderar-me dele.

Posteriormente, fomos obrigados a abandonar Saragoça. Infelizmente, tive de me afastar do contingente principal do exército, acabando por ser aprisionado pelo inimigo, juntamente com o meu destacamento; julguei que estava

1 Saragoça capitulou a 20 de Fevereiro de 1809.

perdido. Chegados ao local para onde nos conduziram, os espanhóis começaram por nos despojar de todos os nossos pertences. Pedi para conservar um único objecto, que não lhes serviria para nada: o livro que tinha encontrado. Inicialmente, puseram algumas dificuldades; depois, pediram a opinião do capitão que, passando os olhos pelo livro, veio ter comigo, agradecendo-me por ter conservado intacta uma obra a que dava grande valor, pois continha a história de um dos seus antepassados. Conteí como tinha vindo parar às minhas mãos; levou-me com ele e, durante a estada bastante prolongada que fiz na sua casa, onde fui muito bem tratado, pedi-lhe que me traduzisse a obra para francês; tradução que eu fui escrevendo.

PRIMEIRA JORNADA

O conde de Olavidez¹ não tinha ainda instalado colónias estrangeiras na serra Morena: esta cordilheira altaneira, que separa a Andaluzia do estreito, nessa época era habitada apenas por contrabandistas, bandoleiros e alguns ciganos que tinham a fama de comer os viajantes que assassinavam; daí, um provérbio espanhol que rezava: *As ciganas da serra Morena querem carne de homem.*

E não é tudo. O viajante que se aventurava nesta região selvagem, dizia-se, era assaltado por mil terrores, capazes de gelar a coragem do mais valente. Ouvia vozes gemebundas misturando-se ao ruído das torrentes e aos uivos das tempestades, era confundido por clarões enganadores, mãos invisíveis empurravam-no para abismos sem fundo.

Havia, é certo, algumas *ventas* ou estalagens isoladas, disseminadas ao longo deste percurso assustador; mas as almas do outro mundo, mais diabólicas do que os próprios estalajadeiros, tinham-nos obrigado a ceder-lhes o lugar e a retirar-se para regiões onde o sossego só era perturbado pelas censuras da sua consciência, género de fantasmas com que os estalajadeiros possuem pactos; o da estalagem de Andujar atestava em Santiago de Compostela a verdade destas narrativas extraordinárias. Acrescentava, enfim, que os archeiros da Santa Irmandade se recusavam a qualquer expedição à

1 O conde de Olavidez, governador da Andaluzia, colonizou a serra Morena de 1767 a 1776; confiscou os bens eclesiásticos, repartindo-os entre os camponeses. Foi encarcerado pela Inquisição, mas conseguiu fugir para Paris, em 1790.

serra Morena e que os viajantes preferiam utilizar a estrada de Jaen ou a da Estremadura.

Retorqui-lhe que esta opção convinha a viajantes vulgares, mas que, uma vez que o rei Dom Filipe V² me tinha agraciado com a honra de uma comissão como capitão dos Guardas Valões, sentia-me obrigado pela lei sagrada da honra a dirigir-me a Madrid pelo caminho mais curto, sem me questionar se era o mais perigoso.

«Meu jovem senhor», replicou o estalajadeiro, «permiti-me observar que, se o rei vos distinguiu com uma companhia de Guardas antes mesmo de a idade ter honrado o queixo de Vossa Mercê com uma leve penugem, seria conveniente dar-lhe provas de prudência; ora, repito que, quando os demónios se apoderam de uma região...»

O homem continuou a falar, mas eu esporeei a montada, só abrandando quando me vi longe do alcance das suas observações. Voltei-me então para trás e reparei que ainda gesticulava, apontando-me a estrada da Estremadura. Lopez, o meu criado, e Mosquito, o meu *zagal*³, olhavam para mim com um ar compadecido, que significava praticamente a mesma coisa. Fingi não entender e embrenhei-me nos matos onde mais tarde veio instalar-se a colónia denominada La Carlota.

No local exacto onde hoje se situa a casa da posta, havia na altura um refúgio, bem conhecido dos almocreves, que lhe chamavam Los Alcornos, isto é, as azinheiras, porque duas majestosas árvores desta espécie ali cobriam com uma magnífica sombra uma nascente abundante, que alimentava um bebedouro de mármore. Era a única água e a única sombra existentes desde Andujar até à estalagem denominada Venta Quemada. Embora edificada no meio

2 Filipe V reinou de 1700 a 1746.

3 *Zagal*: moço de estrebaria.

do deserto, a estalagem era grande e espaçosa; tinha sido um antigo castelo dos Mouros, que o marquês de Peña Quemada mandara reconstruir para dele fazer uma estalagem. Daí lhe viera o nome de Venta Quemada. O marquês afirmara a um burguês de Múrcia que tinha aí instalado uma estalagem, a mais notável que havia ao longo daquela estrada. Assim, os viajantes partiam de Andujar pela madrugada, almoçavam em Los Alcornoces utilizando as provisões que levavam consigo e iam dormir na Venta Quemada; por vezes, passavam ali todo o dia seguinte, abastecendo-se e preparando-se para a travessia da montanha. Eram estes também os planos para a minha viagem.

Quando nos aproximávamos das azinheiras, conversando eu com Lopez sobre a pequena refeição que íamos fazer naquele local, reparei que Mosquito não estava connosco, nem a mula que carregava as nossas provisões. Lopez observou que o moço talvez tivesse ficado para trás para ajeitar os arreios do animal. Aguardámos um pouco, dando em seguida mais alguns passos; chamámos por ele e acabámos por voltar atrás, à sua procura: tudo em vão. Mosquito tinha desaparecido, levando com ele as nossas esperanças mais queridas, ou seja, o nosso almoço. Só eu continuava em jejum, pois Lopez não deixara de roer um queijo de Toboso, de que vinha abastecido; mas nem por isso estava mais feliz, resmungando entredentes «que o estalajadeiro de Andujar bem tinha avisado e que os demónios certamente tinham arrebatado o infeliz Mosquito».

Quando chegámos a Los Alcornoces, descobri em cima do bebedouro um cesto coberto com parras e que parecia conter fruta, certamente esquecido por algum viandante. Remexi com curiosidade e tive o prazer de descobrir quatro figos apetitosos e uma laranja. Ofereci dois figos a Lopez, mas ele recusou, afirmando que podia esperar até

à noite; assim, comi a fruta toda, após o que resolvi beber da fonte. Lopez, porém, impediu-me, alegando que me faria mal beber depois da fruta e ofereceu-me um resto de vinho de Alicante. Aceitei; mas, mal o vinho me caiu no estômago, senti um aperto no coração. Vi o céu e a terra girarem à minha volta e teria certamente desmaiado se Lopez não me tivesse socorrido de imediato; ajudou-me a recuperar do meu desfalecimento, dizendo que não devia assustar-me, pois eram efeitos do cansaço e da fraqueza.

Com efeito, não só me senti restabelecido, mas também num estado de força e de agitação que tinha algo de extraordinário. Os campos pareceram-me esmaltados das mais vivas cores; os objectos cintilavam a meus olhos como astros numa noite de Verão; sentia as artérias a latejar, principalmente nas têmporas e na garganta.

Vendo que a minha indisposição não tivera consequências, Lopez não conseguiu conter-se e recomeçou com as queixas:

«Ai, ai!», exclamava ele, «porque não dei eu ouvidos a Frei Geronimo de la Trinidad, frade, pregador, confessor e protector da nossa família! É cunhado do genro da cunhada do sogro da minha madrastra, e, como nosso parente mais próximo, nada se faz em nossa casa sem ouvir os seus conselhos. Conselhos que eu não quis seguir e agora estou a ser castigado. Ele bem me dizia que os Guardas Valões são hereges, o que se vê logo pelos seus cabelos louros, pelos olhos azuis e pelas faces rosadas, ao passo que os velhos cristãos têm a cor de Nossa Senhora da Atocha⁴, pintada por S. Lucas.»

Interrompi esta torrente de impertinências, ordenando-lhe que me passasse a minha espingarda de dois tiros e que se mantivesse junto dos cavalos, enquanto eu subia a um

4 Nossa Senhora da Atocha: igreja de romaria, em Madrid.

rochedo das proximidades para tentar descobrir Mosquito ou vestígios dele. A esta ordem, Lopez rompeu em pranto, caindo de joelhos diante de mim e suplicando-me, por todos os santos do Céu, que não o deixasse sozinho num sítio cheio de tantos perigos. Propus-lhe então ficar eu de guarda aos cavalos enquanto ele partia à descoberta; mas esta hipótese pareceu-lhe ainda mais assustadora. Entretanto, apresentei-lhe tantas razões válidas para ir em busca de Mosquito, que se convenceu a deixar-me partir. Tirou do bolso um rosário e começou a rezar junto do bebedouro.

Os cumes a que eu pretendia subir encontravam-se mais afastados do que me tinha parecido. Demorei quase uma hora para os alcançar e, quando lá cheguei, só avistei a planície deserta e selvática: não avistei quaisquer vestígios de gente, animais ou habitações, qualquer estrada a não ser a estrada por onde tínhamos caminhado e onde não se via vivalma; por todo o lado, o mais profundo silêncio. Silêncio que foi cortado pelos meus gritos, repetidos ao longe pelo eco. Por fim, retomei o caminho do bebedouro; encontrei o meu cavalo amarrado a uma árvore, mas de Lopez, nem sinais: também ele tinha desaparecido.

Havia duas hipóteses: regressar a Andujar ou continuar a viagem. A primeira mal chegou a aflorar ao meu espírito. Lancei-me sobre o meu cavalo e, a galope, cheguei ao fim de duas horas às margens do Guadalquivir, que ali não é o rio tranquilo e majestoso cujo curso abraça as muralhas de Sevilha. Ao sair das montanhas, o Guadalquivir é uma corrente sem margens nem fundo, rugindo continuamente contra os rochedos que procuram refrear a sua violência.

O vale de Los Hermanos começa no local onde o Guadalquivir se espria pela planície; era assim chamado porque três irmãos, ligados entre eles mais pela prática do banditismo do que pelos laços do sangue, tinham há muito

transformado a região em palco das suas façanhas. Dos três irmãos, dois tinham sido capturados e os seus cadáveres podiam ver-se pendurados numa forca à entrada do vale: o mais velho, porém, chamado Zoto, tinha fugido das prisões de Córdoba; dizia-se que se tinha refugiado na cordilheira das Alpujarras.

Contavam-se coisas bem estranhas acerca dos dois irmãos que tinham sido enforcados, mas não se falava deles como de almas do outro mundo: afirmava-se antes que os seus corpos, animados pelos demónios, se soltavam da forca durante a noite para vir atormentar os vivos. O facto era tido por certo, a tal ponto que um teólogo de Salamanca fizera uma dissertação, demonstrando que os dois enforcados eram uma espécie de vampiros e que um não era mais incrível do que o outro, o que os mais incrédulos aceitavam sem dificuldade. Corria também o boato de que os dois homens eram inocentes e que, tendo sido condenados injustamente, vingavam-se, com a permissão de Deus, sobre os viajantes e outros transeuntes. Como, em Córdoba, eu tinha ouvido falar de tudo isso, tive curiosidade de me aproximar da forca. O espectáculo era tanto mais repugnante quanto os cadáveres hediondos, agitados pelo vento, eram fortemente balançados, enquanto os repelentes abutres lhes davam puxões para arrancar pedaços de carne; desviei os olhos, horrorizado, e embrenhei-me no caminho das montanhas.

Temos de convir que o vale de Los Hermanos se prestava às mil maravilhas aos empreendimentos dos bandoleiros e a servir-lhes de refúgio. A cada passo, o viandante via-se impedido de prosseguir, ora por grandes rochedos que se desprendiam do alto dos montes, ora por árvores derrubadas pelos temporais. Em numerosos sítios, o caminho atravessava o leito da corrente ou passava em frente de profundas cavernas, cujo aspecto medonho inspirava desconfiança.

Ao sair do vale, entrei noutro e imediatamente deparei com a *venta* onde deveria encontrar abrigo; mesmo de longe, o seu aspecto não augurava nada de bom. Reparei logo que não tinha janelas nem postigos, a chaminé não fumegava e não vi qualquer movimento nas vizinhanças nem ouvi os cães alertando da minha chegada. Concluí que era uma das estalagens abandonadas, como me tinha dito o estalajadeiro de Andujar.

Quanto mais me aproximava da *venta*, mais o silêncio parecia adensar-se. Cheguei por fim e reparei numa caixa de esmolos, encimada pela seguinte inscrição: «Senhores viajantes, por caridade, rezai pela alma de Gonzalez de Múrcia, antigo estalajadeiro de Venta Quemada. Acima de tudo, segui o vosso caminho e não fiquéis aqui durante a noite, seja a que pretexto for.»

Decidi desde logo enfrentar os perigos contra os quais a inscrição me alertava. Não que estivesse convencido de que não existem almas do outro mundo; mas, como adiante veremos, toda a minha formação tinha sido orientada para prestar culto à honra e fazia questão de nunca mostrar o mínimo sinal de receio.

Como o sol estava prestes a desaparecer, quis aproveitar o que restava de claridade e percorrer todos os recantos da casa, menos para me tranquilizar contra as potências infernais que dela se tivessem apoderado do que para procurar algum alimento, pois o pouco que tinha comido em Los Alcornoces conseguira aliviar mas não satisfazer a necessidade imperiosa que sentia de me alimentar. Atravessei numerosos quartos e salas. A maioria estava revestida de mosaicos até à altura de um homem, e os tectos eram forrados de madeira, exibindo o belo trabalho em que os Mouros se mostravam exímios. Visitei as cozinhas, os sótãos e as caves; estas tinham sido escavadas na rocha; algumas comunicavam com caminhos subterrâneos, que pareciam penetrar

profundamente no ventre da montanha. Mas não encontrei o que comer em parte alguma.

Por fim, quando a noite caiu, fui ter com o meu cavalo, que deixara amarrado no pátio, levei-o para uma estrebaria onde tinha visto um pouco de feno e fui instalar-me num quarto onde havia um catre, o único que restava em toda a estalagem. Bem gostaria de ter uma luz, mas a fome que me atormentava tinha de bom impedir-me de dormir.

Entretanto, quanto mais negra ficava a noite, mais sombrias se tornavam as minhas reflexões. Ora pensava no desaparecimento dos meus dois criados, ora na maneira de providenciar a minha alimentação. Pensava que os ladrões, surgindo de improviso do meio dos arbustos ou de alguma armadilha subterrânea, tinham atacado sucessivamente Lopez e Mosquito quando estavam sozinhos e que eu só fora poupado porque a minha indumentária militar não prometia uma vitória tão fácil. O meu apetite preocupava-me mais do que tudo o resto; tinha avistado algumas cabras nos montes; certamente deviam ser pastoreadas por algum cabreiro e esse homem devia sem dúvida ter uma pequena provisão de pão para comer com o leite. Além disso, contava ainda com a minha espingarda. Mas voltar para trás e expor-me à troça do estalajadeiro de Andujar, isso estava absolutamente fora de questão. Pelo contrário, estava firmemente decidido a continuar o meu caminho.

Esgotadas todas estas reflexões, não conseguia impedir-me de reavivar no meu espírito a famosa história dos moedeiros falsos e outras do género, que tinham embalado a minha infância. Pensava também na inscrição que se lia na caixa das esmolas. Não queria acreditar que o Diabo tivesse torcido o pescoço ao estalajadeiro, mas não entendia o seu trágico fim.

As horas decorriam assim num silêncio profundo, quando o som inesperado de um sino me fez estremecer de surpresa.

Bateram as doze badaladas e, como se sabe, as almas do outro mundo só têm poder desde a meia-noite até ao cantar do galo. Disse que fiquei surpreendido e tinha motivo para isso, pois o sino não tinha batido as outras horas, e o seu badalar parecia ter alguma coisa de lúgubre.

Instantes depois, abriu-se a porta do quarto e vi entrar uma figura completamente negra, mas não assustadora, pois tratava-se de uma bela negra seminua, empunhando uma tocha acesa em cada mão.

A negra aproximou-se de mim, fez uma vénia profunda e disse em perfeito castelhano: «Senhor Cavaleiro, algumas damas estrangeiras que passam a noite nesta estalagem convidam-vos a partilhar com elas a sua ceia. Segui-me, por favor.»

Segui a negra de corredor em corredor, até chegarmos a uma sala bem iluminada; no meio, estava uma mesa posta com três talheres e coberta de vasos do Japão e de garrafas de cristal de rocha. Ao fundo da sala, havia um leito magnífico. Várias negras pareciam muito ocupadas a servir, mas, a dado momento, imobilizaram-se respeitosamente e vi entrar duas damas, cuja tez de lírio e de rosa contrastava fortemente com o ébano das servas. As duas damas vinham de mãos dadas; vestiam de forma bizarra, ou pelo menos assim me pareceu, mas a verdade é que se tratava da indumentária utilizada em várias cidades da costa da Berberia, como mais tarde tive ocasião de ver durante as minhas viagens. A sua indumentária consistia, na verdade, apenas em uma camisa e um corpete. A camisa era de tecido e descia até abaixo da cintura, mas a parte inferior era uma gaze de Meknés, um tipo de tecido completamente transparente se largas fitas de seda, misturadas ao tecido, não o tornassem mais apropriado para cobrir encantos que ganham em ser adivinhados. O corpete, ricamente bordado com pérolas e adornado com fechos de diamantes, cobria apenas os seios; não tinha mangas; as

da camisa, também em gaze, estavam arregaçadas e apertadas atrás do pescoço. Os braços nus estavam enfeitados com braceletes, quer nos pulsos, quer acima do cotovelo. Os pés das damas, que, se elas fossem demónios, seriam bifurcados ou munidos de garras, não eram nada disso, estavam enfiados numa pequena chinela bordada, e os tornozelos exibiam uma pulseira de grossos brilhantes.

As duas desconhecidas avançaram para mim com um ar desembaraçado e afável. Tratava-se de duas beldades perfeitas, uma alta, esbelta, deslumbrante; a outra, enternecedora e tímida. A primeira exibia um corpo e uns traços admiráveis.

A mais jovem tinha um corpo arredondado, lábios um pouco salientes, pálpebras semicerradas e as pupilas que estas deixavam entrever ocultavam-se atrás de pestanas de um comprimento extraordinário.

A mais velha dirigiu-se-me em castelhano: «Senhor Cavaleiro, agradecemos a gentileza que tivestes em aceitar esta modesta refeição, acho que deveis estar necessitado dela.»

Pronunciou estas últimas palavras com um ar tão malicioso que quase suspeitei ter sido ela quem mandara roubar a mula carregada com as nossas provisões; de qualquer maneira, substituiu-as tão bem que não conseguia querer-lhe mal.

Sentámo-nos à mesa. A mesma dama, apresentando-me um vaso do Japão, disse: «Senhor Cavaleiro, tendes aqui uma *olla podrida*⁵, composta por todos os tipos de carnes, à excepção de uma, pois nós somos fiéis, ou seja, muçulmanas.»

«Formosa desconhecida», respondi eu, «parece-me que falastes bem. Sois, sem dúvida, fiéis, é a religião do amor. Mas dignai-vos satisfazer primeiro a minha curiosidade do que o meu apetite, dizendo-me quem sois.»

5 *Olla podrida* [«panela podre»]: prato original da cozinha espanhola, confeccionado com carnes, legumes e enchidos diversos. Entre nós, existe um prato semelhante na cozinha regional algarvia, chamado precisamente «panela podre».

«Comei, Senhor Cavaleiro», replicou a bela moura, «não será convosco que iremos manter o anonimato. O meu nome é Emina e o de minha irmã Zubaida; vivemos em Tunes, mas a nossa família é originária de Granada e alguns dos nossos familiares ficaram em Espanha, onde professam em segredo a religião dos nossos antepassados. Deixámos Tunes há uma semana; desembarcámos perto de Málaga, numa praia deserta. Depois, atravessámos as montanhas entre Loja e Antequera e chegámos a este lugar solitário para mudarmos de roupa e tomarmos todas as providências necessárias à nossa segurança. Senhor Cavaleiro, bem vedes que a nossa viagem é um segredo importante que acabamos de confiar à vossa lealdade.»

Garanti às beldades que não receassem da minha parte qualquer indiscrição e comecei a comer, um pouco vorazmente na verdade, mas mesmo assim com o constrangimento que um homem revela instintivamente quando se encontra sozinho num grupo de mulheres.

Quando se aperceberam de que a fome tinha sido acalmada e que eu chegara ao que em Espanha se designa por *los dulces*, a bela Emina ordenou às suas negras que me mostrassem como se dança no seu país. Reparei que nenhuma outra ordem lhes poderia ter sido mais agradável. Obedeceram com uma vivacidade que raiava a licenciosidade. Acho que teria sido difícil pôr termo às suas danças; perguntei às suas formosas senhoras se também elas dançavam de vez em quando. Em resposta, levantaram-se e pediram umas castanholas. Os seus passos tinham algo do *bolero* de Múrcia e da *fofa* que se dança nos Algarves; quem já esteve nestas províncias pode fazer uma ideia. Não conseguirá, porém, captar todo o encanto que lhe acrescentava a graciosidade natural das duas africanas, acentuado pelos tecidos diáfanos de que estavam cobertas.

Contemplei-as durante algum tempo com uma espécie de sangue-frio; por fim, os seus movimentos acelerados por uma cadência mais viva, o ruído ensurdecedor da música mourisca, os meus sentidos excitados por uma alimentação repentina, dentro de mim, fora de mim, tudo se juntava para perturbar a minha razão. Já não sabia se estava na companhia de mulheres ou de insidiosos súcubos. Não me atrevia a olhar, não queria ver. Pus a mão nos olhos e senti-me desfalecer.

As duas irmãs aproximaram-se de mim, pegando-me cada uma delas numa das mãos. Emina perguntou se me sentia mal. Tranquilei-a. Zubaida perguntou-me o que era um medalhão que eu tinha ao pescoço, se era o retrato de uma amante. Respondi:

«É uma jóia que minha mãe me ofereceu e que prometi usar sempre; contém um pedacinho da verdadeira cruz...»

A estas palavras, reparei que Zubaida recuou e empalideceu.

«Ficastes perturbada», disse eu; «no entanto, a cruz só assusta o espírito das trevas.»

Emina respondeu pela irmã: «Senhor Cavaleiro», disse ela, «sabeis que somos muçulmanas e não deveis ficar surpreendido com o desgosto que minha irmã vos deixou entrever. Desgosto que eu partilho; estamos muito pesarosas de ver em vós um cristão, vós que sois o nosso familiar mais chegado. Estas palavras deixam-vos surpreendido, mas não era vossa mãe uma Gomelez? Somos da mesma família, que é uma ramificação da família dos Abencerragens; sentemo-nos neste sofá, vou revelar-vos mais coisas.»

As negras retiraram-se. Emina conduziu-me para um canto do sofá e sentou-se ao meu lado, apoiada sobre as pernas cruzadas. Zubaida sentou-se do outro lado, apoiando-se na minha almofada, de forma que estávamos tão próximos uns dos outros que a sua respiração se confundia com a minha.

Emina ficou abstraída durante algum tempo; depois, olhando-me com o mais vivo interesse, pegou-me na mão e disse: «Meu caro Alphonse, é inútil esconder-vos, não foi o acaso que aqui nos trouxe. Estávamos aqui à vossa espera; se o medo vos tivesse feito tomar outro rumo, teríeis perdido para sempre a nossa estima.»

«Sinto-me lisonjeado, Emina», respondi eu, «mas não vejo qual o vosso interesse pela minha coragem.»

«O nosso interesse por vós é muito grande», replicou a bela moura, «mas talvez fiqueis menos lisonjeado ao saber que sois praticamente o primeiro homem que vemos. O que estou a dizer deixa-vos espantado e pareceis duvidar. Tinha-vos prometido a história dos nossos antepassados, mas talvez valha a pena começar pela nossa própria história.»

História de Emina e da irmã Zubaida

«Somos filhas de Gasir Gomelez, tio materno do bei de Tunes, que actualmente governa; nunca tivemos um irmão, nunca conhecemos o nosso pai, de tal maneira que, encerradas entre as paredes do serralho, não tínhamos a menor ideia do vosso sexo. No entanto, como nascemos ambas com uma grande inclinação para a ternura, amámo-nos apaixonadamente uma à outra. Esta paixão começou desde a nossa infância. Sempre que nos separavam, ainda que por breves instantes, começávamos a chorar. Se ralhavam com uma, a outra rompia em pranto. Passávamos os dias a brincar à mesma mesa e dormíamos na mesma cama.

Este sentimento tão forte parecia crescer connosco e ganhou nova força graças a uma circunstância que vou contar-vos. Tinha eu dezasseis anos e minha irmã catorze. Há muito que tínhamos reparado em alguns livros, que a nossa mãe

escondia cuidadosamente. A princípio, prestámos pouca atenção ao facto, já bastante aborrecidas com os livros com que nos ensinavam a ler; mas, com a idade, chegou a curiosidade. Aproveitando um momento em que o armário estava aberto, apoderámo-nos apressadamente de um pequeno volume, intitulado *Os Amores de Madjenune e de Leila*, traduzido do persa por Ben Omri⁶. Este livrinho divino, que descreve todas as delícias do amor sob a forma de uma chama, iluminou as nossas jovens cabeças. Não conseguíamos entendê-lo bem, porque ainda não tínhamos visto seres da vossa espécie, mas repetíamos as suas expressões. Falávamos a linguagem dos amorosos; enfim, quisemos amar-nos à sua maneira. Eu assumi o papel de Madjenune, a minha irmã o de Leila. Primeiro, declarei-lhe a minha paixão através de um ramo de flores, espécie de código misterioso, muito em uso em toda a Ásia. Depois, fiz falar o meu olhar, ajoelhei-me diante dela, beijei os vestígios dos seus passos, supliquei aos zéfiros que lhe levassem as minhas ternas queixas e julgava abraçar a sua respiração com o fogo dos meus suspiros.

Zubaida, fiel às lições do seu autor, concedeu-me um encontro. Lancei-me aos seus pés, beijei-lhe as mãos, inundei-lhe os pés com as minhas lágrimas; a princípio, a minha amante oferecia uma doce resistência, depois permitia-me roubar-lhe alguns favores, finalmente acabava por se abandonar aos meus ardores impacientes. Na verdade, parecia que as nossas almas se confundiam, e continuo a ignorar se alguma coisa nos poderia tornar mais felizes do que éramos naquela altura.

Não sei durante quanto tempo nos divertimos com estas cenas apaixonadas; por fim, sucederam-se sentimentos mais

6 Leila e Madjenune: romance de amor cortês, do poeta persa Nizami, redigido em 1188, com base numa velha lenda árabe. Não se conhece qualquer tradução do referido Ben Omri. Talvez Potocki pensasse no poeta ‘Omar ibn abí Rabía (643-718) ou em ‘Omar ibn Al-Fàridh (1181-1235).

tranquilos. Tomámos o gosto pelo estudo de algumas ciências, principalmente pelo conhecimento das plantas, que estudávamos nos escritos do célebre Averróis.

Nossa mãe, convicta de que pouco havia a fazer contra a monotonia do serralho, viu com prazer que gostávamos de estar ocupadas e, para nos facilitar o estudo, mandou vir de Meca uma mulher santa, a que chamavam Hazereta⁷, ou seja, santa por excelência. Hazereta ensinou-nos a lei do Profeta; as suas lições eram ministradas na língua pura e harmoniosa falada na tribo dos Kuraichitas⁸. Não nos cansávamos de a ouvir e sabíamos de cor quase todo o Alcorão. Em seguida, nossa mãe instruiu-nos pessoalmente na história da nossa casa, colocando-nos nas mãos grande número de memórias, umas em árabe outras em espanhol. Ah! caro Alphonse, como a vossa religião nos pareceu odiosa; como odiávamos os vossos padres perseguidores. Pelo contrário, quanto interesse nos despertavam tantos ilustres infelizes, cujo sangue corria nas nossas veias.

Ora nos exaltávamos com Said Gomelez, que sofreu o martírio nas prisões da Inquisição, ora com seu sobrinho Leiss, que durante muito tempo viveu nas montanhas, levando uma vida selvagem e pouco diferente da dos animais ferozes. Foram personalidades como estas que nos levaram a amar os homens; gostaríamos de os ver e muitas vezes subíamos ao nosso terraço para ver de longe as pessoas que embarcavam no lago de La Golette, ou as que se dirigiam aos banhos de Hammam Nef. Embora não tivéssemos de forma alguma esquecido as lições do apaixonado Madjenune, pelo menos já não as repetíamos uma com a outra. Pareceu-me mesmo que a minha ternura pela minha irmã já não tinha as características de uma paixão, mas um novo incidente veio provar-me o contrário.

7 *Hazret*: título honorífico utilizado quando alguém se dirige a um superior.

8 Kuraichitas: tribo árabe a que pertencia Maomé.

Um dia, nossa mãe apresentou-nos uma princesa do Tafieta, mulher de uma certa idade. Recebemo-la o melhor que pudemos. Depois de ter partido, soubemos que tinha vindo pedir-me em casamento para um filho seu e que minha irmã casaria com um Gomelez. Esta notícia caiu sobre nós como um raio; a princípio, ficámos tão chocadas que perdemos o uso da palavra. Depois, a infelicidade de vivermos uma sem a outra pintou-se aos nossos olhos com tanta intensidade que nos abandonámos ao mais horrível desespero. Arrancámos os cabelos, enchemos o serralho com os nossos gritos. Por fim, a manifestação da nossa dor atingiu a extravagância. Nossa mãe, assustada, prometeu não forçar as nossas inclinações; garantiu que nos permitiria continuar donzelas ou desposar o mesmo homem. Estas promessas acalmaram-nos um pouco.

Algum tempo depois, nossa mãe veio informar-nos de que tinha falado com o chefe da nossa família e que este permitia que tivéssemos o mesmo marido, contanto que fosse alguém do sangue dos Gomelez.

A princípio não respondemos nada, mas a ideia de termos um marido para as duas sorria-nos cada vez mais. Nunca tínhamos visto um homem, nem novo nem velho, a não ser de longe; mas, como as mulheres jovens nos pareciam mais agradáveis do que as velhas, queríamos que o nosso marido fosse jovem. Esperávamos também que nos explicasse alguns passos do livro de Ben Omri, cujo sentido não tínhamos percebido muito bem...»

Aqui, Zubaida interrompeu a irmã e, apertando-me nos braços, disse-me: «Querido Alphonse, que pena não serdes muçulmano! Grande seria a minha felicidade se vos visse nos braços de Emina, pois poderia aumentar as vossas delícias, unindo-me aos vossos abraços! Porque, caro Alphonse, na nossa casa como na casa do Profeta, os filhos de uma

filha têm os mesmos direitos que o ramo masculino⁹. Talvez viesse a caber-vos a missão de ser o chefe da nossa casa, que está prestes a apagar-se. Bastaria, para tal, abrir os olhos às santas verdades da nossa religião.»

Estas palavras assemelhavam-se tão fortemente a uma insinuação de Satanás, que me pareceu ver despontar dois chifres na linda fronte de Zubaida. Balbuciei algumas palavras santas. As duas irmãs recuaram um pouco.

Emina assumiu uma atitude mais séria e continuou nestes termos: «Senhor Alphonse, falei demais acerca de mim e de minha irmã. Não era essa a minha intenção, apenas pretendia informar-vos sobre a história dos Gomelez, de quem sois descendente pela linha feminina. É isto o que tenho para vos dizer:»

História do castelo de Cassar¹⁰ Gomelez

«O fundador da nossa linhagem foi Massud ben Taher, irmão de Iussuf ben Taher, que entrou em Espanha à testa dos Árabes e deu o seu nome à montanha de Gebal-Taher, que vós pronunciais Gibraltar¹¹. Massud, que muito tinha contribuído para o êxito das suas armas, obteve do califa de Bagdade¹² o governo de Granada, onde se manteve até à morte do irmão. Poderia ter aí permanecido por mais tempo, pois era querido tanto pelos muçulmanos como pelos moçárabes, ou seja, os cristãos que tinham ficado sob o domínio

9 Os Xiitas só reconhecem como chefes religiosos legítimos os descendentes de Fátima, a filha do Profeta, único descendente que lhe sobreviveu.

10 Kas: palácio.

11 Trata-se de Tarique Ibn Ziyâd, que conquistou a Espanha em 711, dando o seu nome a Djebel Tarique, a montanha de Tarique (Gibraltar).

12 A capital dos califas Omíadas era Damasco. Só após a queda dos Omíadas, em 750, é que os Abácidas fizeram primeiro de Al-Kufa e depois de Bagdade a residência do califa.

dos Árabes; mas Massud tinha inimigos em Bagdade, que o denegriram aos olhos do califa. Apercebeu-se de que estava perdido e decidiu partir. Massud reuniu, pois, os seus e retirou-se para as Alpujarras, que, como sabeis, são a continuação das montanhas da serra Morena¹³, e esta cordilheira separa o reino de Granada do de Valença.

Os Visigodos, a quem conquistámos a Espanha, não tinham penetrado nas Alpujarras. A maior parte dos vales eram desérticos. Só três eram habitados pelos descendentes de um antigo povo da Península Ibérica. Chamavam-se os Túrdulos. Não reconheciam nem Maomé nem o vosso profeta nazareno; as suas crenças religiosas e as suas leis estavam contidas em canções que os pais ensinavam aos filhos. Tinham possuído livros que se haviam perdido.

Massud submeteu os Túrdulos mais pela persuasão do que pela força; aprendeu a língua deles e ensinou-lhes a religião muçulmana. Os dois povos confundiram-se através dos casamentos: é a esta mistura e ao clima das montanhas que ficámos a dever esta tez clara que vedes em mim e em minha irmã e que distingue as moças dos Gomelez. Entre os Mouros, vêem-se mulheres muito brancas, mas sempre pálidas.

Massud tomou o título de xeque e mandou construir um castelo muito forte, a que chamou Cassar Gomelez. Mais juiz do que soberano da sua tribo, Massud estava sempre acessível e fazia questão disso; mas, na última sexta-feira de cada lua, despedia-se da família, encerrava-se num subterrâneo do castelo e ali permanecia até à sexta-feira seguinte. Estas ausências deram lugar a diversas conjecturas: uns diziam que o nosso xeque tinha encontros com o décimo segundo imã, que deverá revelar-se sobre a Terra no fim

¹³ Designa-se por Alpujarras não o prolongamento da serra Morena, mas uma cordilheira a sul da serra Nevada.

dos séculos¹⁴. Outros acreditavam que na nossa cave estava acorrentado o Anticristo. Outros ainda pensavam que ali repousavam os sete adormecidos, juntamente com o seu cão Caleb¹⁵. Massud não se incomodava com estes boatos; continuou a governar o seu pequeno povo enquanto as forças lho permitiram. Por fim, escolheu o homem mais sensato da tribo, nomeou-o seu sucessor, entregou-lhe a chave do subterrâneo e retirou-se para um ermo, onde viveu ainda vários anos.

O novo xeque governou como tinha feito o seu predecessor, e procedia ao mesmo desaparecimento na última sexta-feira de cada lua. Tudo se manteve assim até ao tempo em que Córdova passou a ter os seus próprios califas¹⁶, independentes de Bagdade. Nessa altura, os montanhese das Alpujarras, que tinham participado nessa revolução, começaram a fixar-se na planície, onde foram conhecidos pelo nome de Abencerragens, reservando-se o nome de Gomelez para os que continuaram ligados ao xeque de Cassar Gomelez.

Entretanto, os Abencerragens adquiriram as mais belas terras do reino de Granada e as mais belas casas da cidade. A sua magnificência chamou a atenção do povo, concluindo-se que o subterrâneo do xeque encerrava um imenso tesouro, mas não foi possível ter a certeza disso, pois os próprios Abencerragens desconheciam a fonte da sua riqueza.

14 Para os Xiitas, que só aceitam como chefes da comunidade muçulmana os descendentes de Ali, primo do Profeta e esposo de Fátima, a filha do Profeta, «o imã oculto», invisível mas não morto, reaparecerá no dia que assinalará o fim dos tempos e o triunfo da paz e da justiça. É o «Mahdi», que, para os «duodecimais», espalhados principalmente pela Irão, é o duodécimo imã (para os ismaelitas, a que pertencem os Drusos libaneses, é o sétimo).

15 Segundo outra lenda, sete jovens de Éfeso, em 251, esconderam-se numa gruta para fugir às perseguições do imperador Décio e só despertaram duzentos ou trezentos anos mais tarde. (*Calb*: cão, em árabe).

16 Em 756, os Omíadas fundaram o califado de Córdova.

Por fim, estes belos reinos atraíram a vingança celeste e foram entregues às mãos dos infiéis. Granada foi conquistada¹⁷ e, oito dias depois, o célebre Gonzalvez de Córdoba veio às Alpujarras, à frente de três mil homens. O nosso xeque era nessa altura Hatem Gomelez; foi ao encontro de Gonzalvez e entregou-lhe as chaves do castelo; o espanhol pediu as chaves do subterrâneo. O xeque entregou-lhas sem qualquer resistência. Gonzalvez quis descer pessoalmente. Encontrando apenas um túmulo e muitos livros, zombou ruidosamente das histórias que lhe tinham contado e apressou-se a regressar a Valladolid, onde o amor e a galanteria chamavam por ele.

Seguidamente, reinou a paz nas nossas montanhas, até ao momento em que Carlos subiu ao trono¹⁸. O nosso xeque era então Sefi Gomelez. Este homem, por motivos que nunca ficaram bem esclarecidos, mandou dizer ao novo imperador que lhe revelaria um importante segredo se quisesse enviar às Alpujarras um senhor em quem confiasse. Passaram apenas quinze dias e Dom Ruiz de Toledo apresentou-se aos Gomelez da parte de sua majestade; mas acontece que o xeque fora assassinado na véspera. Dom Ruiz perseguiu alguns indivíduos, mas depressa se cansou das perseguições e regressou à corte.

Entretanto, o segredo dos xeques ficara na posse do assassino de Sefi. Este homem, que se chamava Bilá¹⁹ Gomelez, reuniu os anciãos da tribo e demonstrou-lhes a necessidade de tomarem novas precauções para a guarda de um segredo tão importante. Decidiu-se que seriam instruídos vários membros da família dos Gomelez, mas cada um deles só seria iniciado numa parte do mistério, e só depois de terem dado provas inequívocas de coragem, de prudência e de fidelidade.»

17 Granada foi conquistada em 1492, por Gonzalvez de Córdoba (1453-1515).

18 Carlos V reinou de 1516 a 1555.

19 *Billahi*: por Deus!

Neste ponto, Zubaida voltou a interromper a irmã, dizendo: «Querida Emina, não sois de opinião que Alphonse teria resistido a todas as provas? Ah! quem poderia duvidar? Querido Alphonse, que pena não serdes muçulmano! Que tesouros imensos não ficariam talvez em vosso poder...»

Mais uma vez, tais palavras pareceram-me proferidas pelo espírito das trevas que, não tendo conseguido fazer-me cair em tentação pela voluptuosidade, procurava agora fazer-me sucumbir pelo ouro. As duas beldades aproximaram-se de mim, e fiquei com a sensação de que tocava corpos e não espíritos.

Após um momento de silêncio, Emina retomou o fio à sua história:

«Querido Alphonse, bem conheceis as perseguições que tivemos de sofrer durante o reinado de Filipe, filho de Carlos. Raptavam-nos as crianças, para as instruírem segundo a religião cristã. Ofereciam-lhes os bens que roubavam aos pais que se tinham mantido fiéis. Foi então que um Gomelez entrou no *teket*²⁰ dos dervixes de S. Domingos, tendo chegado ao cargo de Grande Inquisidor.»

Neste momento, ouviu-se o cantar do galo, e Emina parou de falar... O galo cantou mais uma vez... Um homem supersticioso esperaria ver as duas beldades voar pelo cano da chaminé. Não o fizeram, parecendo ter ficado absortas e preocupadas.

Emina foi a primeira a quebrar o silêncio: «Amável Alphonse», disse ela, «está prestes a nascer o dia, as horas que devemos passar juntos são demasiado preciosas para as gastarmos a contar histórias. Só poderemos ser vossas esposas se abraçardes a nossa santa religião. É permitido, porém, que nos vejais em sonho. Aceitais?»

20 *Takiat*: convento.

Consenti em tudo.

«Isso não basta», retomou Emina com grande dignidade, «não basta, querido Alphonse; tereis de prometer pelas mais sagradas leis da honra que nunca revelareis os nossos nomes, a nossa existência e tudo o que sabeis sobre nós. Ousais assumir um compromisso solene?»

Prometi tudo o que elas queriam.

«Agora basta», disse Emina; «minha irmã, trazei a taça consagrada por Massud, nosso primeiro chefe.»

Enquanto Zubaida foi buscar a taça encantada, Emina prostrou-se e recitou orações em árabe. Zubaida reapareceu, segurando nas mãos uma taça que parecia talhada numa única esmeralda e molhando ao de leve os lábios. Emina fez o mesmo e ordenou-me que bebesse o resto do líquido, de um só trago.

Obedeci.

Emina agradeceu a minha docilidade e abraçou-me com grande ternura.

Em seguida, Zubaida colou os seus lábios aos meus, parecendo que não conseguia descolá-los. Por fim, deixaram-me, afirmando que voltaria a vê-las e aconselhando-me a adormecer o mais depressa possível.

Tantos acontecimentos estranhos, narrativas maravilhosas e sensações inesperadas seriam de molde a fazerem-me reflectir durante toda a noite; mas convenhamos que os sonhos prometidos ocupavam-me mais do que tudo o resto. Despi-me apressadamente e meti-me na cama que me tinham preparado. Assim que me deitei, reparei com prazer que a cama era muito ampla e que os sonhos não necessitam de tanto espaço. Mal tive tempo de fazer esta reflexão, logo um sono irresistível pesou sobre as minhas pálpebras e todas as mentiras da noite se apoderaram imediatamente dos meus sentidos. Apercebia-me de que estavam perturbados por

fantásticos sortilégios; mas o meu pensamento, arrastado contra minha vontade na asa dos desejos, situava-me em plenos serralhos africanos, apoderando-se dos encantos encastrados entre as suas paredes para dar corpo aos meus prazeres quiméricos. Sentia que sonhava e no entanto tinha a consciência de não abraçar sonhos. Perdia-me nas vagas das mais loucas ilusões, mas sempre na companhia das minhas formosas primas. Adormecia recostado nos seus seios, acordava envolto nos seus braços.

Não sei quantas vezes julguei sentir estas doces alternâncias...

SEGUNDA JORNADA

Por fim, despertei com o sol a queimar-me as pálpebras. Abri-as a custo e olhei para o céu. Reparei que estava ao ar livre. Mas o sono ainda era chumbo sobre os meus olhos. Já não dormia, no entanto ainda não estava acordado. Imagens de suplícios sucederam-se umas às outras. Fiquei apavorado: ergui-me em sobressalto, sentando-me na cama...

Como encontrar palavras para exprimir o horror que então se apoderou de mim?... Estava debaixo da forca de Los Hermanos. Os cadáveres dos dois irmãos de Zoto não estavam pendurados, mas sim deitados ao meu lado. Ao que parece, tinha passado a noite com eles. Encontrava-me reclinado em cima de pedaços de corda apodrecidos, destroços de rodas, restos de carcaças humanas, hediondos farrapos feitos pela podridão.

Julguei não estar ainda bem desperto e tratar-se de um sonho horrível. Fechei os olhos e procurei na minha memória onde tinha estado na véspera. Nesse momento, senti garras cravando-se nos meus flancos. Um abutre tinha-se empoleirado em cima de mim e devorava um dos meus companheiros de cama. As dores provocadas pelas garras do animal acabaram por me despertar. As minhas roupas estavam ao meu lado: apressei-me a vesti-las. Quando acabei, quis sair do recinto da forca, mas a porta estava pregada. Tentei em vão derrubá-la. Tive de trepar aquelas tristes muralhas. Consegui e, subindo a um dos pilares da forca, observei as redondezas. Reconheci facilmente onde estava.